

André Malraux: Brasília, capital da esperança, símbolo do desenvolvimento brasileiro



...REDE TUPI BRASÍLIA

No dia 24 de agosto de 1959, André Malraux, então Ministro dos Assuntos Culturais da França, esteve em Brasília, como representante pessoal do Presidente francês, general Charles de Gaulle. Na ocasião, o grande escritor teve oportunidade de pronunciar importante discurso, publicado no exemplar pioneiro do CB, dia 21 de abril de 1960. Malraux considerou Brasília "a cidade mais ousada concebida no Ocidente" e viu, na nova Capital, "a ressurreição do lirismo arquitetônico, nascido com o mundo helenístico". Foi, também, neste documento, que publicamos, a seguir, na íntegra, que Malraux criou a frase que, depois, seria repetida no mundo inteiro, denominando Brasília "a capital da esperança".

"Seja-me permitido agradecer inicialmente as palavras que acabais de consagrar ao meu país, ao general De Gaulle e a mim mesmo. Se o binóculo que une o Brasil à França cairasse de provas, não as haveria mais evidentes que a acolhida tão calorosa que me tributam desde ontem e a presença do Presidente da República nesta cerimônia. Também a França considera que as relações entre o Brasil e Europa, impostas pela própria natureza da civilização que vai nascendo aos nossos olhos, ultrapassarão o antigo conceito de intercâmbio em suas diferentes modalidades; que o estabelecimento de um plano mundial de exploração das riquezas naturais em proveito das nações que as detêm, e somente destas, deve constituir um dos objetivos primordiais deste século; e que, à sua luta épica contra a terra, o homem deve finalmente dar formas dignas de si mesmo. É esta última exigência que simboliza nossa presença aqui, senhor Presidente da República, como o simboliza também esta própria cidade. No processo de seu desenvolvimento, muitas vezes as grandes nações encontraram o seu símbolo e, indubbiamente, Brasília é um símbolo desse gênero. Quase todas as grandes cidades haviam-se desenvolvido por si mesmas,

em volta de um lugar privilegiado. Que hoje a História contempla conosco o despontar das primeiras edificações de uma cidade feita surgir unicamente pela vontade humana. Se renascer a velha paixão das inscrições nos monumentos, gravar-se-á sobre os que aqui vão nascer: Audácia, energia, confiança. Não se trata de vossa divisa oficial, mas talvez da que vos dará a posteridade.

FORMAS PERENES

Sabeis como o sabem todos os artistas, mas como os governos não o sabem tão bem - que as formas de arte destinadas a perpetuar-se na memória dos homens são formas inventadas. Nesta cidade que tem sua origem na vontade de um homem e na esperança de uma Nação como as antigas metrópoles surgiram da vontade especial de Roma ou dos herdeiros de Alexandre - o Palácio da Alvorada que edificastes, a Catedral, que haverá projetado nos trazem algumas das formas mais arraigadas de arquitetura, e, ante os esboços da futura Brasília, percebemos que a cidade inteira será a mais ousada que o Ocidente haja concebido. Em nome de tantos monumentos ilustres que povoam nossa memória, graças aos quais sejam dadas por haverdes depositado confiança nos vos-

sos arquitetos para criar a cidade e em vosso povo para que lhe tenha amor. Tal ousadia sabemos como alguns a temem, mesmo dentre amigos vossos. Mas se eles não se enganam quanto à resplandente originalidade desses projetos, é possível que aprendam mal o que lhes confere decisivo valor histórico. E chegada a hora de compreender que a obra que começa a erguer-se diante de nós é a primeira das capitais da nova civilização.

Até agora, a arquitetura moderna era uma arquitetura de edifícios. Tinha criado casas, mesmo quando tais casas como em Nova York, se abravam num eriçamento de torres. Que ela devesse um dia superar este épico individualismo - já que a cidade não é apenas um conglomerado de casas - não oferecia dúvida para nenhum dos seus historiadores. Quase todos, porém, julgavam que a arquitetura em escala maior, a que cria cidades e não edifícios, iria nascer na União Soviética - eis, contudo, que está a surgir neste local.

RECONQUISTA

Com efeito, vão configurar-se aqui as primeiras grandes perspectivas da arquitetura moderna, ainda desconhecidas para o nosso seculo. Vale dizer que essa arquitetura ereta vai sofrer fundamental metamorfose anunciada confusamente pela Europa da África do Norte, pela vossa. E a reconquista do arranha-céu pelo solo, trata-se, antes de mais nada, da ressurreição do lirismo arquitetônico, nascido com o mundo helenístico e objeto dos devaneios de César em Alexandria. E diante da decisão, graças à qual o gênio brasileiro se faz a um tempo sucessor das perspectivas da Grécia da Roma, pontifícia de Versalhes e do Paris napoleônico, pensamos que esse vocábulo tão confuso, latindade, tem pelo menos uma acepção precisa: a de fraternidade.

Vamos mais longe. Para que Brasília se torne uma verdadeira Capital - escreve Lúcio Costa, o seu planificador deve impregnar-se de uma digni-

dade de uma nobreza de intenção donde resulte o senso da ordem, da utilidade e da proporção, único capaz de dar ao projeto inteiro a monumentalidade desejada.

Mas que cidade moderna se preocupa, até agora, com tal nobreza de intenção? O que entra em jogo é imenso: trata-se, ao por a arquitetura a serviço da Nação, de restituirlhe parte da alma, que perdeu. Era isso a aspiração sua? Quem sabe. O título de honra do Brasil está em não se contentar com a simples aspiração.

REINTEGRAR OS DEUSES

BRASÍLIA RECORDA A ACRÓPOLE

A arquitetura tivera, como obras capitais, os templos e as catedrais; mais tarde, os palácios, quando a época das grandes monarquias atribuiu às moradas reais um significado que transcendia o do luxo.

O limite da arquitetura moderna é o de estar a serviço do poder econômico ou do indivíduo. Um único e admirável conjunto arquitetônico dos Estados Unidos - o "Rockefeller Center" - não se elevou à glória de uma potência do petróleo e, sim, à glória da solidariedade humana, da ciência e do espírito. Concebida a cidade como um imenso conjunto e, desde a origem, exigiu que os edifícios nele assumam determinada significação. Eis porque Lúcio Costa assim conclui: "A cidade não será apenas a sede do Governo e da administração, mas ainda um dos maiores centros culturais do país". Esta Brasília, sobre o seu gigantesco planalto, é de certo modo, a Acrópole sobre o seu rochedo. Salve, capital intrépida que recordas ao mundo estarem os teus monumentos ao serviço do espírito.

O espírito que esta cidade evoca é o que, sob muitos aspectos, a fez nascer, pela nobreza a que se referem os seus fundadores.

Quando, por minha vez, contemplo este lugar, mergulho nas profundas raízes do tempo. Mas ela evoca a própria metamorfose. Até nos outros o cortejo dos grandes fantomas que passado formava uma li-

nhagem. O Ocidente era o herdeiro da Bíblia e dos Antigos. A descoberta das civilizações, sepultadas, a dos meios de difusão da pintura e da música fazem de nós os primeiros herdeiros da terra inteira. Elabora-se uma nova civilização e a cultura que lhe evoca é, hoje, o objetivo em torno do qual lutam todas as forças do espírito. E o objeto capital dessa cultura é uma noção do homem sem a qual a nova civilização não poderia viver: não à civilização sem alma.

CULTURA CONQUISTADA

Eis aí onde a cultura encontra seu papel insubstituível. Pelo conhecimento, mas também por outros caminhos mais secretos. A cultura não consiste somente em conhecer Shakespeare, Victor Hugo, Rembrandt ou Bach; consiste, antes de mais nada, em amá-los. Não à cultura verdadeira sem comunhão, e, talvez, seu domínio mais profundo e mais misterioso seja a "presença" em nossa vida do que deveria pertencer à morte.

A cultura do novo mundo latino - que não é apenas o grande e velho mundo mediterrâneo, que não é somente a América Latina - será, como todas as verdadeiras culturas, uma cultura conquistada. O que ela deve conquistar para criar seu tipo de homem exemplar e para moldar seu novo passado é a presença em seu seio, de todas as formas de arte, de amor, de grandeza e de pensamento que, no curso de milênios, sucessivamente permitiram ao homem "ser menos escravo": o domínio que une, ao fundo de nossa memória, sob a imensa indiferença das nebulosas, as silhuetas invencíveis e outrora inimigas dos pescadores de Tiberíade e dos pastores da Arcádia. O império mais sangrento do mundo, o Império Assírio, deixa em nossa memória a majestade de sua "Leoa ferida": se há uma arte dos campos de concentração, ela não exprimirá os carneiros, e sim os mártires. "Ergue-te, Lázaro".

Não sabemos ressuscitar os

corpos, mas começamos a saber ressuscitar os sonhos - e o que hoje vos propõe a França é que, para todos nós, a cultura seja a ressurreição da nobreza do mundo.

FRONTEIRAS INTRANSPONIVEIS

Reconheçamos que nos une um futuro fraterno, mas ainda que um passado comum. Tivemos razão, nas mais sombrias horas, quando não desesperastes de nós, por quanto, hoje, o General De Gaulle que encontrou todas as chagas de meu paise em seu legado, reencontra, apesar dessas chagas, a linguagem secular da França para lembrar ao mundo que é o homem que se trata de salvar. Porque a cultura tem duas fronteiras intransponíveis: a servidão e a fome. Que nos seja dado contribuir para apagá-las, que nos seja dado construir uma civilização que se assemelhe à nossa esperança, uma civilização que coloque todas as grandes obras da humanidade ao serviço de quantos homens as reclamarem.

Havés pronunciado aqui, sr. Presidente da República, palavras conhecidas de muitos de entre nós - "Deste Planalto Central, desta solidão que será em breve o cérebro de onde partirão as altas decisões nacionais, lanço um olhar, uma vez mais, sobre o futuro de meu país e entre vejo essa alvorada com fé inquebrantável e confiança sem limites na grandeza de seu destino".

Quando, por minha vez, contemplo este lugar que já não é uma solidão, acomedo-me ao espírito as bandeiras que o General De Gaulle entregou em 14 de Julho aos chefes dos Estados da comunidade franco-africana, e o solene cortejo de sombras dos mortos ilustres da França, que amais, porque seus nomes pertencem à generosidade do mundo. Em sua grande noite fúnebre, um murmúrio de glória acompanha o bater das forjas que saúdam vossa audácia, vossa confiança e o destino do Brasil, enquanto se vai erguendo a capital da esperança.